INFODATA LVT 4

O Envelhecimento demográfico e as condições de vida da população idosa na RLVT

ORLVT
OBSERVATÓRIO REGIONAL
DE LISBOA E VALE DO TEJO

FICHA TÉCNICA

Título: InfoData LVT Nº 4

Edição: Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo

Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo

Coordenação: Eduardo Brito Henriques

Coordenação Operacional: João Afonso

Elaboração: Lurdes Gonçalves e Marta Luís

Tratamento cartográfico: Florinda Augusto

Design: Celeste Carrasco, Luís Antunes e Nuno Novas

Créditos Fotográficos: Banco de imagens do QREN; PORLisboa; Fotografia: José Miguel Figueiredo; Câmara Municipal de Almada; Gerontologia e saúde (http://enfermeiraneila.blogspot.pt); Marcos Santos (www.imagensdeamizade.com)

Páginas: 45

Data: dezembro 2012

ISSN: 2182-6978

Website: http://www.ccdr-lvt.pt

Contacto: Rua Artilharia Um, 33 1269-145 Lisboa

Tel: (351) 21 383 71 00

CCDR LVT Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo

POR LISBOA

QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional Portugal 2007.2013

UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

SIGLAS E ACRÓNIMOS

AEEASG | Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações

AML | Área Metropolitana de Lisboa

CCDRLVT | Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo

CSI | Complemento Solidário para Idosos

FSE | Fundo Social Europeu

INE | Instituto Nacional de Estatística

LVT | Lisboa e Vale do Tejo

NUTS | Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

ORLVT | Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo

PALOP | Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PIB | Produto Interno Bruto

QREN | Quadro de Referência Estratégico Nacional

RL | Região de Lisboa

RLVT | Região de Lisboa e Vale do Tejo

INDICE

Nota de apresentação 7

Introdução 9

1 - Demografia e Envelhecimento 11

2 - Rendimento e Qualidade de Vida 25

3- Distribuição Territorial e Equipamentos Sociais para Idosos 39

ORLVT
OBSERVATÓRIO REGIONAL DE LISBOA E VALE DO TEJO

2012 – Um Ano Europeu para começar a construir
uma melhor sociedade para idosos e jovens

Nunca é tarde demais para...

Ano Europeu do **Envelhecimento Ativo** e da **Solidariedade entre Gerações 2012**

http://europa.eu/ey2012/

© European Union, 2012

Nota de apresentação

O envelhecimento demográfico da Europa, ainda que revelando intensidade variável de país para país, ou de região para região, lança hoje uma série de desafios ao poder político e à sociedade civil. A população europeia com idade superior a 65 anos está a aumentar a um ritmo acelerado (cerca de 2 milhões pessoas ao ano na UE), e as previsões – mesmo as conservadoras – apontam para uma diminuição da população em idade ativa a partir de 2014. Esta tendência constitui um desafio para o qual as sociedades têm de encontrar novas respostas, não apenas porque ao envelhecimento demográfico se associam alterações nas procuras sociais, mas também pelo peso que tem nas despesas públicas e pelas implicações que poderá vir a ter na própria sustentabilidade do chamado 'Estado social'.

Inverter a tendência de envelhecimento demográfico e o desequilíbrio entre as gerações por via do aumento da fecundidade parece ser indispensável. A isso, porém, é necessário juntar medidas que se dirijam à população idosa e que procurem dar sustentabilidade ao crescimento da esperança de vida, uma vez que o envelhecimento se prende não apenas com a diminuição da fecundidade mas também com o aumento da longevidade.

Foi neste quadro que surgiu a decisão de consagrar 2012 como o "Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações". A iniciativa visou lançar as bases de uma nova cultura de envelhecimento, que estimule a integração das pessoas idosas no mercado de emprego, que favoreça um papel mais ativo destas na sociedade, e que ao mesmo tempo promova um envelhecimento mais saudável e autónomo.

Embora o nível de vida médio em Portugal, e na Região de Lisboa e Vale do Tejo em particular, tenha melhorado bastante nas últimas décadas, subsistem fortes disparidades de rendimentos. A população idosa está, no nosso país, entre os segmentos mais vulneráveis à pobreza. A solidão é outro problema grave que se coloca e agrava as condições de exclusão social. Uma grande parte da população idosa precisa de cuidados diários que não conseguem ser assegurados no quadro das suas famílias, ou porque estas não existem, ou porque se desestruturaram, ou porque os familiares não dispõem de tempo nem de recursos para responder a essas necessidades.

Sendo Portugal um país onde o problema do envelhecimento se coloca de forma particularmente aguda, pareceu oportuno ao Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo associar-se ao "Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações", dedicando este número da InfoData LVT à população idosa e às suas condições de vida. Só com um conhecimento sólido do processo de envelhecimento, das suas dinâmicas e expressão, é possível pensar em estratégias adequadas de resposta aos desafios com que nos confrontamos.

Eduardo Brito Henriques
Presidente da CCDR LVT

Introdução

O Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações surge como mote para a elaboração da InfoData LVT nº 4, que se propõe analisar os desafios que o envelhecimento demográfico coloca à Região de Lisboa e Vale do Tejo.

A divulgação dos resultados definitivos dos Censos 2011 permite agora proceder a uma análise mais fina e desagregada da população residente. Com a disponibilização de informação por escalão etário, o que possibilita focar a nossa análise nos grupos etários com 65 e mais anos, o presente documento identifica as principais dinâmicas de envelhecimento da população e caracteriza a população idosa que reside na RLVT.

O Documento encontra-se estruturado em 3 partes:

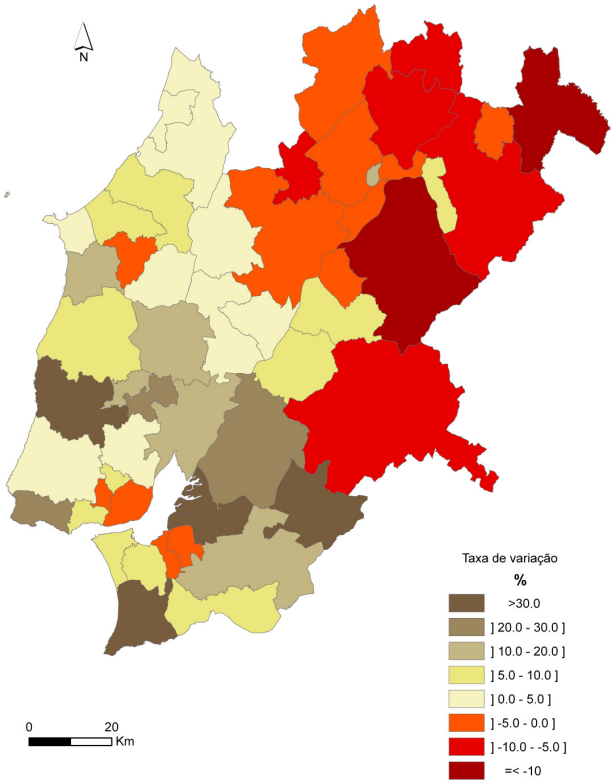
- A parte 1 versa sobre as questões demográficas e de envelhecimento e retrata a população com 65 e mais anos.
- Na 2ª parte analisa-se a posição deste grupo etário face à condição no trabalho, às suas qualificações, bem como aos rendimentos e estrutura familiar.
- Os territórios onde reside a população mais envelhecida e a distribuição territorial de equipamentos sociais e de saúde são abordados na 3ªparte do documento.

1– DEMOGRAFIA E ENVELHECIMENTO

Nas últimas décadas assistiram-se a transformações na sociedade portuguesa que tiveram efeitos na população, não tanto a nível quantitativo, dado que não houve alterações significativas no número de habitantes, mas essencialmente na sua estrutura e distribuição. Na Região de Lisboa e Vale do Tejo , onde reside um terço da população nacional, assistiu-se a fenómenos de envelhecimento e, nos territórios mais rurais, a perda de população. Esta tendência acompanhou a terciarização e concentração de serviços nas áreas urbanas a par do declínio da atividade industrial e agrícola. No entanto, a Área Metropolitana de Lisboa manteve a sua capacidade de atração populacional, tendo crescido 6% no último período intercensitário e a RLVT 5,3%.

Nesta parte do documento procura-se proceder a uma caracterização demográfica da população residente, destacando-se o peso e as dinâmicas mais significativas da população com mais de 65 anos.

Figura 1 – Taxa variação da população, 2001/2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

O território da Região de Lisboa e Vale do Tejo apresentou, entre 2001 e 2011, um crescimento populacional de 5,3%, cerca de 3 vezes superior ao registado no Continente (1,8%).

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) continuou a ser o motor dessa atractividade populacional, com um crescimento de 6%, superior ao registado na RLVT.

De referir, que todas as NUTSIII que compõem a RLVT tiveram um dinamismo demográfico superior à média nacional, com excepção do Médio Tejo onde se verificou um decréscimo populacional, na ordem dos 2,4%. Já o Oeste apresentou uma taxa de variação populacional mais em linha com a urbanidade metropolitana do que com a as NUTSIII mais ruralizadas. A Península de Setúbal (9,1%) e o Oeste (7%) foram as sub-regiões que tiveram um crescimento mais acentuado.

Ao nível concelhio as dinâmicas populacionais revelaram-se bastante diferenciadas.

No Oeste há um conjunto de concelhos (Alenquer, Lourinhã e Sobral de Monte Agraço) que registaram crescimentos populacionais superiores a 10%, sendo o concelho de Arruda dos Vinhos o que apresentou o maior crescimento nesta sub-região: 29,4%. Apenas o Bombarral apresentou um crescimento populacional negativo (-1%).

O progressivo despovoamento que se tem verificado ao longo do tempo no Médio Tejo é demonstrado pela perda de população em todos os concelhos da sub-região, com exceção do Entroncamento (11,2%) e Constância (6,3%).

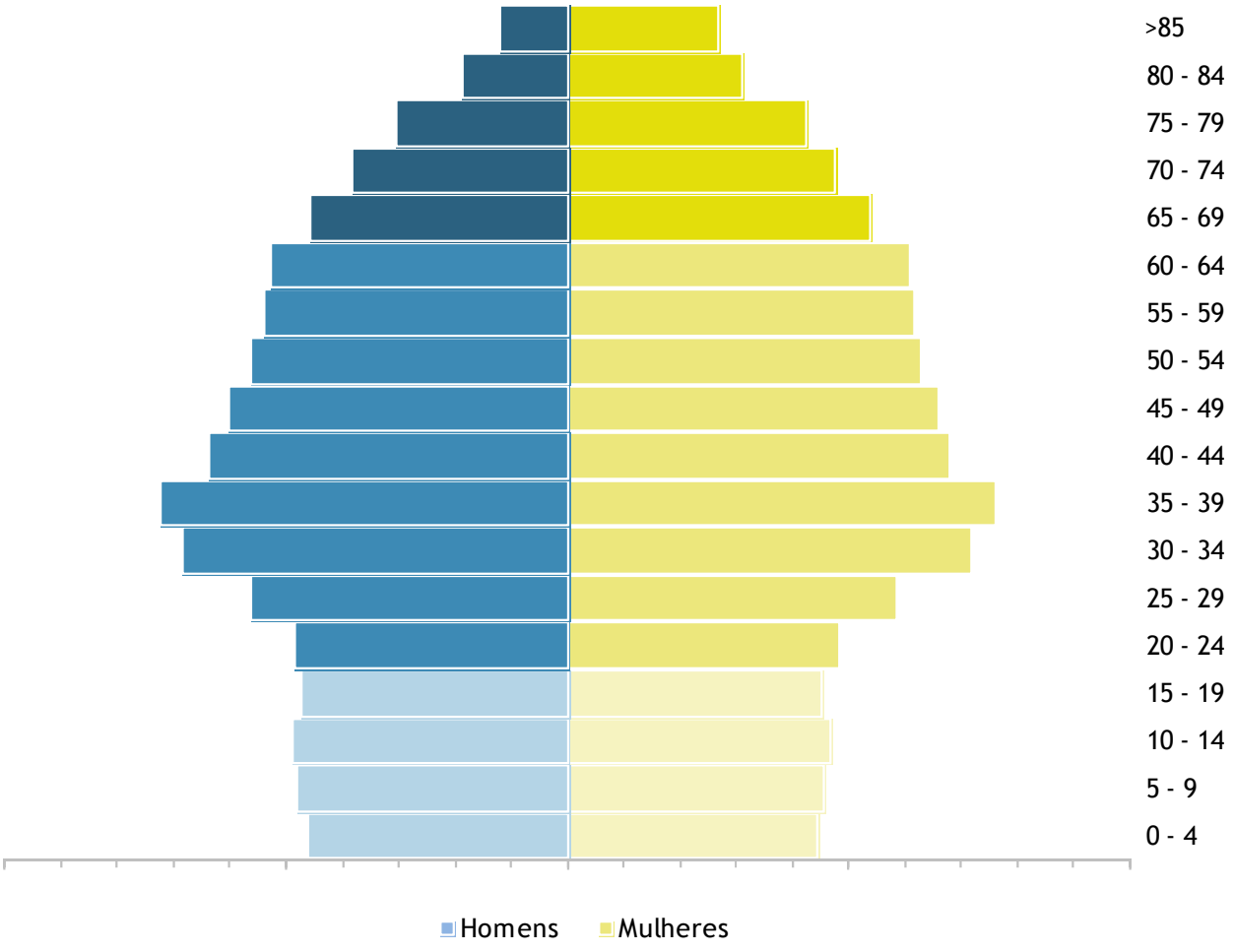
Na Lezíria do Tejo registou-se um crescimento populacional baixo (2,7%). Benavente foi, devido à sua maior proximidade e articulação com a AML, o concelho com maior dinâmica demográfica, registando um acréscimo de 24,8%. Num processo inverso encontram-se Alpiarça (-4%), Chamusca (-11,9%), Coruche (-6,5%), Golegã (-4,3%) e Santarém (-2,1%), que têm vindo a perder população de forma progressiva.

Na Grande Lisboa a população residente cresceu 4,9%,verificando-se uma diversidade grande de situações, que vão desde um aumento de 41,1% no concelho de Mafra à diminuição registada nos concelhos de Lisboa (-3%) e Amadora (-0,4%).

Os aumentos populacionais muito acentuados em Alcochete (35%), Montijo (30,8%) e Sesimbra (31,8%) explicam o crescimento da Península de Setúbal. Em contraste, houve perda de população no Barreiro (-0,3%) e na Moita (-2,1%).

Na cartografia apresentada na figura 1 observa-se uma dinâmica populacional negativa no interior e um crescimento populacional positivo no litoral.

Figura 2 - Pirâmide etária da RLVT em 2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

A RLVT apresenta, em 2011, uma estrutura etária em forma de urna, revelando tendência de envelhecimento e de redução de população na base.

Há um predomínio dos adultos (dos 20 aos 64 anos) e dos idosos (mais de 65 anos) e uma reduzida percentagem de jovens (0-14 anos). Contudo, a população da RLVT concentra o maior número de indivíduos nos escalões etários entre os 30 e os 44 anos, cerca de 23% da população total.

Este modelo de estrutura etária revela que o crescimento da população idosa é superior ao da população jovem, o que provoca um défice de jovens na Região de Lisboa e Vale do Tejo, prevendo-se um alargamento do topo da pirâmide nos próximos 10 anos.

Figura 3 -Distribuição da população residente por escalão etário, 2011

	População residente	0 - 14 anos %	15 - 24 anos %	25 - 64 anos %	65 e mais anos %
Continente	10.047.621	14,8	10,7	55,2	19,3
RLVT	3.652.530	15,3	10,4	55,3	19,0
Região de Lisboa (AML)	2.821.876	15,5	10,5	55,8	18,2
Oeste	362.540	15,2	10,3	54,4	20,1
Médio Tejo	220.661	13,7	10,1	52,3	23,9
Grande Lisboa	2.042.477	15,4	10,5	55,8	18,3
Península de Setúbal	779.399	15,9	10,3	55,8	18,0
Lezíria do Tejo	247.453	14,7	9,6	53,7	22,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 4 - Proporção da população residente com 65 e mais anos por sexo, 2011

	População residente com 65 e mais anos			
	Nº	%	% H	% M
Continente	1.937.788	19,3	42,1	57,9
RLVT	693.934	19,0	41,7	58,3
Região de Lisboa (AML)	513.842	18,2	41,5	58,5
Oeste	72.868	20,1	43,4	56,6
Médio Tejo	52.663	23,9	41,4	58,6
Grande Lisboa	373.657	18,3	40,8	59,2
Península de Setúbal	140.185	18,0	43,4	56,6
Lezíria do Tejo	54.561	22,0	42,2	57,8

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 5 - Esperança de vida, 2010

	Esperança de vida à nascença (anos)	Esperança de vida aos 65 anos (anos)
Continente	79,4	18,6
Região de Lisboa (AML)	79,2	18,7
Oeste	78,9	17,8
Médio Tejo	79,8	19,0
Grande Lisboa	79,3	18,9
Península de Setúbal	78,9	18,1
Lezíria do Tejo	78,5	18,2

Fonte: INE, Tábuas Completas de Mortalidade

Cerca de 65,7% dos residentes da RLVT estão em idade ativa (15 e 64 anos), salientando-se o grupo dos 25 aos 64 anos, que constitui 55,3% dessa população. A percentagem de população no grupo etário mais jovem (15,3%) é ligeiramente superior ao registado no Continente e a percentagem de população mais idosa (19%) é um pouco inferior.

É na AML que se concentra a maior parte da população em idade ativa (63,3% dos 15 aos 64 anos).

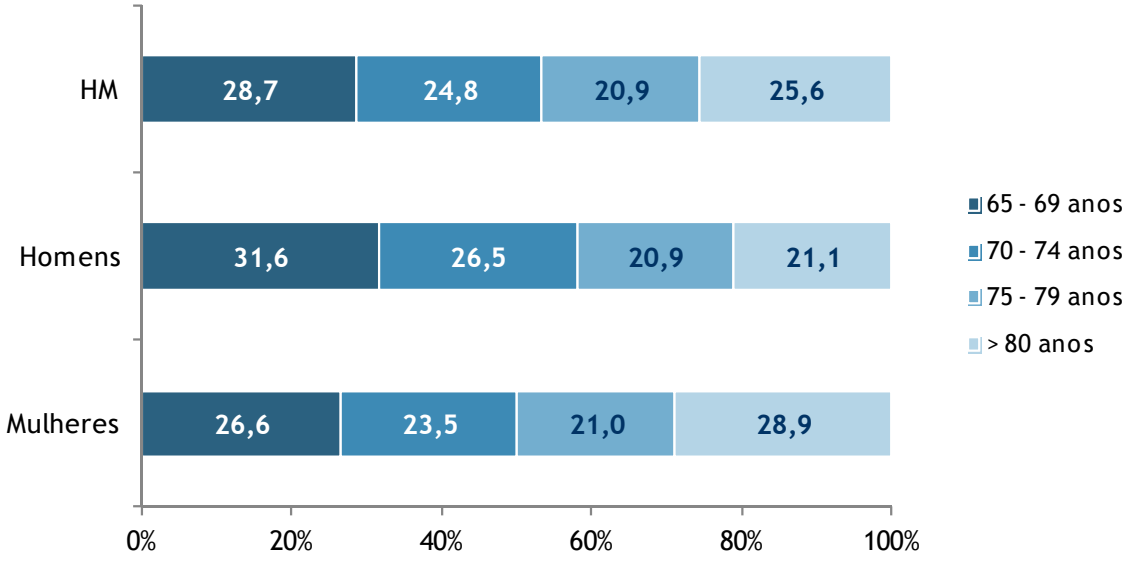
Na análise sub-regional, é na Península de Setúbal que há uma maior percentagem de jovens, bem como a menor percentagem de população com 65 e mais anos, o que se prende com o seu tradicional dinamismo demográfico e as tendências de suburbanização a partir de Lisboa. No Médio Tejo sucede o inverso, é a única sub-região onde a população com menos de 15 anos apresenta valores de referência inferiores aos do Continente e onde a população com mais de 65 anos tem maior expressão (23,9%). Nas 3 sub-regiões não metropolitanas e, por inerência, mais ruralizadas, a população mais idosa representa uma percentagem maior que a registada no Continente.

Há uma predominância do sexo feminino na população com mais de 65 anos, que é, em quase todas as NUTSIII, superior à nacional. Exceptua-se neste padrão a Península de Setúbal. Já a Lezíria apresenta um valor praticamente similar ao registado a nível nacional (57,8% e 57,9% respectivamente).

À exceção do Médio Tejo, com 79,8 anos, a esperança de vida à nascença nas sub-regiões da RLVT é inferior ao Continente (79,4). O mesmo sucede com a esperança de vida aos 65 anos onde, para além do Médio Tejo, também a Grande Lisboa, com 18,9 anos, registam uma esperança de vida ligeiramente superior à nacional (18,6).

Pode-se concluir que a população em idade ativa, na RLVT, está em processo de progressivo envelhecimento, por outro lado a população com mais de 65 anos representa já 19% da população. Esta situação indica claramente uma dificuldade na substituição de gerações, que poderá impedir a reposição de mão-de-obra mais jovem na Região.

Figura 6 - Proporção da população residente na RLVT com 65 e mais anos por grupos etários e sexo, 2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 7 - Proporção da população residente com 65 e mais anos por grupos etários e sexo, 2011

	65-69			70 - 74 anos			75 - 79 anos			> 80 anos		
	%	% H	% M	%	% H	% M	%	% H	% M	%	% H	% M
Continente	27,4	46,0	54,0	24,7	44,6	55,4	21,4	42,1	57,9	26,5	35,6	64,4
RLVT	28,7	45,9	54,1	24,8	44,6	55,4	20,9	41,6	58,4	25,6	34,4	65,6
Região de Lisboa (AML)	29,5	46,0	54,0	24,7	44,3	55,7	20,7	41,2	58,8	25,0	33,7	66,3
Oeste	27,5	46,4	53,6	25,0	46,8	53,2	21,3	43,8	56,2	26,2	36,6	63,4
Médio Tejo	24,1	44,9	55,1	24,6	44,1	55,9	21,9	42,9	57,1	29,4	35,2	64,8
Grande Lisboa	29,1	45,4	54,6	24,5	43,7	56,3	20,8	40,5	59,5	25,7	33,0	67,0
Península de Setúbal	30,8	47,4	52,6	25,4	46,1	53,9	20,6	42,9	57,1	23,1	35,6	64,4
Lezíria do Tejo	26,6	45,8	54,2	25,0	44,9	55,1	21,5	41,9	58,1	27,0	36,6	63,4

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

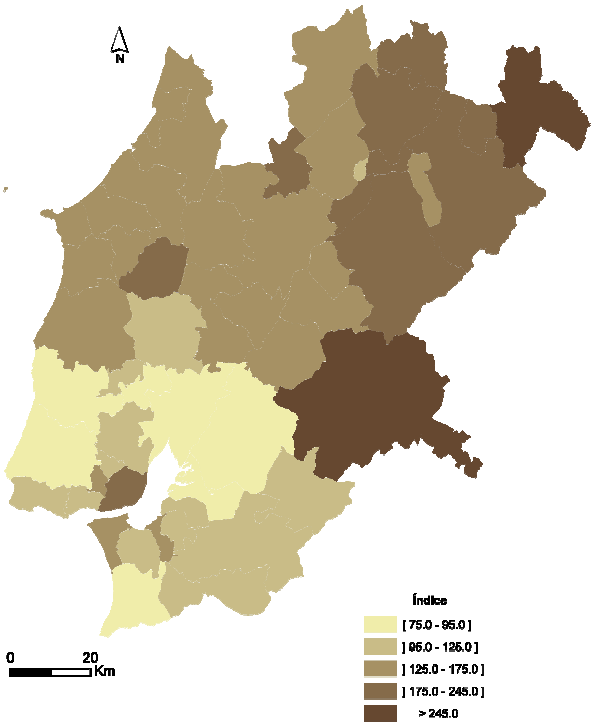
Ao desagregar a população da RLVT com 65 e mais anos por grupo etário, verifica-se que a maioria da população residente tem entre 65 e 69 anos (28,7%), seguindo-se o grupo com mais de 80 anos (25,6%). Já quanto ao género, do total da população masculina, 58% tem menos de 75 anos, proporção que diminui para 53,4% na população feminina. Assim regista-se uma população mais envelhecida no sexo feminino (28,9% com mais de 80 anos), o que decorre da sua maior longevidade, em média.

A RLVT regista uma maior concentração de população nos grupos etários entre os 65 e os 74 anos (53,5%) do que o Continente (52,1%).

As NUTSIII da RLVT apresentam neste indicador comportamentos idênticos. Relativamente ao sexo destaca-se uma maior proporção de mulheres em todos os grupos etários, tendência que se vai acentuando com o aumento da idade.

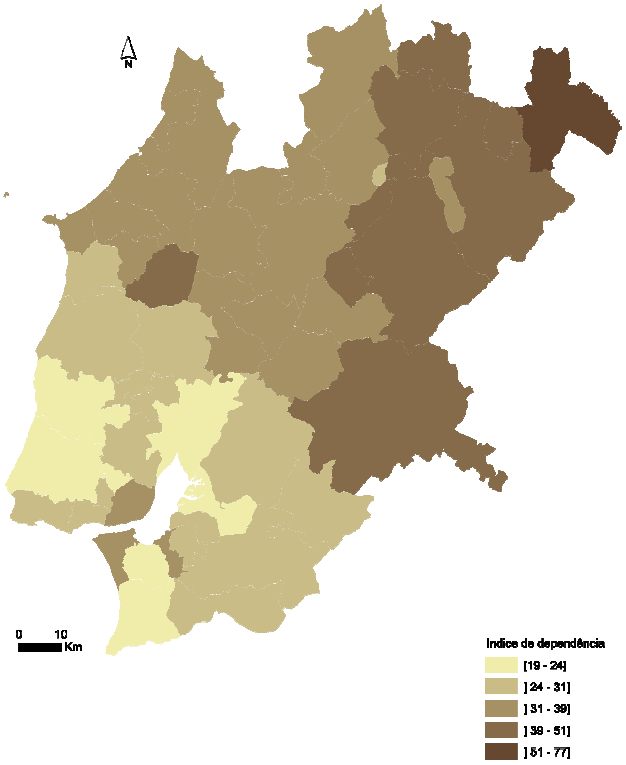
A Península de Setúbal é a NUTSIII que apresenta a maior proporção de população residente entre os 65-69 anos (30,8%) e a menor proporção de população com mais de 80 anos (23,1%). Por oposição, destacam-se a Lezíria e o Médio Tejo, cujo grupo etário com maior representação é o da população acima dos 80 anos (27% e 29,4%, respectivamente) e o menor o dos 65-69 anos (26,6% e 24,1%, respectivamente). Tal facto releva de estarmos em face de uma população especialmente envelhecida.

Figura 8 - Índice de envelhecimento da população, 2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação 2011 - Dados provisórios

Figura 9 - Índice de dependência de idosos, 2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação 2011 - Dados provisórios

As sub-regiões da RLVT evidenciam tendências díspares no índice de envelhecimento. A Grande Lisboa (120) e a Península de Setúbal (114,1), embora também já apresentem indicadores de envelhecimento preocupantes, apresentam valores inferiores ao nacional (131). Por outro lado, as NUTSIII mais rurais registam índices superiores ao Continente. Salienta-se o Médio Tejo que, para cada 100 indivíduos jovens, há 174,8 pessoas com 65 e mais anos, sendo a região mais envelhecida da RLVT. Também a Lezíria do Tejo apresenta uma população bastante envelhecida (151,2).

Numa escala de maior pormenor, constata-se que a grande maioria dos concelhos apresenta um índice de envelhecimento entre os 125 e os 175. Destacam-se pelo elevadíssimo envelhecimento dois municípios: Coruche (247,6) e Mação (433,9). De referir também a existência de 7 municípios, localizados na segunda coroa metropolitana, que têm índices de envelhecimento abaixo dos 95: Sintra, Mafra, Arruda dos Vinhos, Vila Franca de Xira, Benavente, Alcochete e Sesimbra.

Há uma tendência para a existência duma maior proporção de população envelhecida no interior da região, que vai esbatendo com a aproximação ao litoral e se dilui na coroa circundante à AML.

A geografia do índice de dependência é muito similar ao descrito anteriormente. No entanto, há alguns municípios que alteram tendências ao nível da dependência de idosos, registando uma situação mais positiva. Alcanena altera o seu comportamento ao convergir com a maioria dos concelhos da região, registando 31 idosos por cada 100 pessoas da população ativa. Destaque ainda para os concelhos da Amadora, Odivelas e Seixal na área Metropolitana de Lisboa.

No conjunto dos concelhos da RLVT, Alpiarça é o único concelho que vê a sua situação piorar quando se usa o índice de dependência de idosos em vez do índice de envelhecimento.

Figura 10 - Proporção da população residente estrangeira com 65 e mais anos por nacionalidade (país de origem), 2011

	% da população residente estrangeira com 65 e mais anos	Europa %		África PALOP %					Brasil %	Ásia %			Outras nacionalidades %
		Europa 27	Restante Europa	Angola	Cabo Verde	Guiné Bissau	Moçambique	São Tomé		China	Índia	Paquistão	
Continente	4,7	58,5	3,4	6,2	13,5	1,6	1,4	1,8	6,1	1,0	0,6	0,2	5,8
RLVT	3,5	36,7	3,0	9,4	27,2	3,2	2,4	3,7	5,8	1,3	1,0	0,3	5,9
Região de Lisboa (AML)	3,5	32,8	2,8	9,6	30,5	3,6	2,5	4,2	6,1	1,2	1,0	0,4	5,2
Oeste	3,7	63,4	4,0	7,4	4,6	0,2	1,3	0,2	3,2	1,5	1,3	0,0	13,0
Médio Tejo	5,7	73,1	2,9	5,3	2,9	0,4	0,4	0,0	3,7	0,4	0,8	0,0	10,2
Grande Lisboa	3,5	34,5	2,8	8,8	28,9	3,9	2,5	3,9	6,3	1,3	1,1	0,4	5,7
Península de Setúbal	3,3	26,3	2,7	12,6	36,8	2,5	2,7	5,1	5,6	1,0	0,8	0,4	3,5
Lezíria do Tejo	3,1	51,2	6,4	12,8	7,2	0,8	2,8	1,2	5,6	4,8	0,4	0,0	6,8

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Em toda a RLVT, a população residente estrangeira com mais de 65 anos apresenta valores abaixo dos registados no Continente (3,5% e 4,7%, respetivamente), o que indicia que a atração que a região tem sobre a população estrangeira está essencialmente ligada à procura de trabalho e por isso à população ativa (60% da população estrangeira do Continente reside na RLVT). O Médio Tejo é a única sub-região que apresenta valores superiores à média nacional, onde 5,7% da população estrangeira tem mais de 65 anos, o que se deve ao peso relativo dessa população num universo que é bastante reduzido (4.273 residentes estrangeiros).

Pela análise da informação sobre os residentes estrangeiros com mais de 65 anos na região, destaca-se o forte peso da população com nacionalidade europeia, em especial dos países da União Europeia. O território regional revela potencialidades para atrair esta população, tendo em conta não só as suas características físicas, ambientais e paisagísticas, como um forte património histórico, cultural e de lazer, a par de uma imagem de segurança.

A RLVT é hoje, a par do Algarve, uma das mais importantes regiões de turismo de Portugal. Esta região beneficia de uma imagem de urbe com dimensão humana complementar a diversas atrações e produtos. Nos últimos anos tem-se assistido ao crescimento de turismo residencial nas sub-regiões mais ruralizadas, que têm atraído estrangeiros que trabalham e acabam por ficar a viver, mas também de reformados do centro e norte da Europa que procuram um clima ameno para residirem na totalidade ou parte do ano.

Na Área Metropolitana, destaca-se a população cabo-verdiana com mais de 65 anos que, ao contrário da população originária dos outros PALOP, parece optar por ficar a residir na região mesmo após o fim da idade ativa, com especial incidência na Península de Setúbal (36,8%) e na Grande Lisboa (28,9%).

2—RENDIMENTO E QUALIDADE DE VIDA

A qualidade de vida constitui um tema de crescente relevância no planeamento e na gestão do território. A forte aposta dos diferentes centros urbanos na captação de investimentos e de recursos humanos qualificados, associada a uma maior consciencialização e exigência por parte dos cidadãos com as suas condições de vida, levou a que os diversos aspetos relacionados com a qualidade de vida sejam hoje uma preocupação central da administração pública ao nível local, regional e nacional.

Nesta parte do documento procura-se refletir sobre o nível do desenvolvimento humano na Região de Lisboa e Vale do Tejo, mas também reconhecer a persistência e a emergência de fenómenos associados à pobreza e exclusão social que afetam a população mais envelhecida. Desta forma, procurámos trabalhar os principais domínios com incidência na qualidade de vida dos idosos: rendimentos e principais meios de vida; estruturas familiares; níveis de escolaridade; bem como a sua capacidade de permanência no mercado de trabalho.

Figura 11 - Peso da população com 65 e mais anos face ao total da população ativa e inativa (mais de 15 anos), 2011

	População Inativa %	População Ativa %
Continente	49,4	1,4
RLVT	50,9	1,7
Região de Lisboa (AML)	50,0	1,7
Oeste	51,8	1,5
Médio Tejo	54,8	1,5
Grande Lisboa	50,4	1,8
Península de Setúbal	49,1	1,3
Lezíria do Tejo	54,8	1,7

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 12 - Proporção de população Inativa com 65 e mais anos, 2011

	%	% Estudantes	% Domésticos	% Reformados	% Outros
Continente	96,5	0,02	3,8	94,7	1,5
RLVT	95,7	0,02	4,5	93,7	1,8
Região de Lisboa (AML)	95,3	0,03	4,7	93,3	1,9
Oeste	96,5	0,004	4,2	94,3	1,5
Médio Tejo	97,2	0,01	4,5	94,2	1,3
Grande Lisboa	95,0	0,02	4,7	93,3	1,9
Península de Setúbal	96,4	0,04	4,7	93,4	1,9
Lezíria do Tejo	96,4	0,01	3,0	95,5	1,5

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Da população inativa na RLVT cerca de 51% tem mais de 65 anos, sendo na sua maioria reformados; já a proporção de população ativa com 65 e mais anos é de 2%, o que também se verifica na Área Metropolitana de Lisboa. Ambos os valores são ligeiramente superiores aos registados no Continente (49,4% e 1,4% respetivamente). É na Grande Lisboa (1,8%) e na Lezíria do Tejo (1,7%) que a população idosa é mais ativa.

Como é visível, os reformados constituem a parte mais importante da população inativa na Região de Lisboa e Vale do Tejo. Os resultados dos Censos de 2011 revelam que cerca de 95% da população da RLVT com 65 e mais anos é inativa, dos quais 93,7% são reformados. Na AML registam-se valores e tendências similares.

O segundo grupo mais representativo são os domésticos, que variam entre 3% a 4,7% dos inactivos. Estes comportamentos repercutem-se também ao nível das NUTSIII.

Destaca-se a Lezíria do Tejo por concentrar a maior percentagem de reformados (95,5%) e a menor proporção de domésticos (3%) na sua população inativa, enquanto na Grande Lisboa e na Península de Setúbal os reformados rondam os 93% .

Constata-se, contudo, que uma franja desta população inativa, ainda que muito reduzida, é estudante. Verifica-se que é na Península de Setúbal e na Grande Lisboa que esta população apresenta maior tendência para se integrar nessa condição, o que pode revelar uma tendência na continuação dos estudos, porventura para a realização de cursos de Mestrado ou Doutoramento.

Figura 13 - % de empregados na população ativa com 65 e mais anos, 2011

	População ativa	
	%	% de empregados
Continente	3,5	99,6
RLVT	4,3	99,5
Região de Lisboa (AML)	4,7	99,4
Oeste	3,5	99,7
Médio Tejo	2,8	99,7
Grande Lisboa	5,0	99,5
Península de Setúbal	3,6	99,2
Lezíria do Tejo	3,6	99,7

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 14 - População empregada com 65 e mais anos por grande grupo socioeconómico, 2011

	Empresários	Pequenos patrões	Trabalhadores independentes	Trabalhadores dependentes - técnicos superiores	Trabalhadores dependentes - técnicos intermédios	Trabalhadores dependentes - Administrativos e Operários	Pessoal das forças armadas e outras pessoas ativas (n.e.)
Continente	7,6	22,7	25,8	9,1	16,3	18,2	0,3
RLVT	7,7	20,7	21,4	10,9	19,7	19,2	0,4
Região de Lisboa (AML)	8,2	19,7	19,7	12,3	21,3	18,4	0,4
Oeste	5,7	26,5	32,2	4,2	11,5	19,7	0,2
Médio Tejo	7,3	23,6	26,6	8,3	15,5	18,0	0,6
Grande Lisboa	8,8	19,5	18,8	14,1	21,4	17,1	0,4
Península de Setúbal	6,3	20,2	22,9	5,9	20,9	23,3	0,5
Lezíria do Tejo	4,6	23,1	25,0	4,4	14,2	28,1	0,4

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Na Região de Lisboa e Vale do Tejo 29.882 indivíduos com 65 e mais anos são ativos, dos quais 99,5% estão empregados. Esta situação está diretamente relacionada com o facto da grande maioria desta população empregada ser ou pequeno patrão ou trabalhador independente.

Como indicado anteriormente, verifica-se que, segundo os dados dos Censos de 2011, a maioria da população idosa empregada na RLVT distribui-se entre pequenos patrões e trabalhadores independentes (20,7% e 21,4% respectivamente). Na Área Metropolitana de Lisboa, porém, a maior percentagem da população empregada com 65 e mais anos encontra-se no grupo dos trabalhadores dependentes/técnicos intermédios que exercem funções no Estado, empresas ou em organizações (21,3%). Isto deve-se essencialmente aos valores registados na Grande Lisboa (21,4%), pois é nesta NUTSIII que há maior concentração de instituições da administração pública e grandes empresas.

Refira-se ainda que 81% dos trabalhadores dependentes/técnicos superiores da RLVT se encontram na Grande Lisboa, o que se explica não só pelo motivo anteriormente indicado como também pela maior qualificação da mão-de-obra desta sub-região.

Já a população empregada no Oeste e Médio Tejo encontra-se essencialmente nos grupos de trabalhadores independentes (32,2% e 26,6% respetivamente) e pequenos patrões (26,5% e 23,6% respetivamente), pois trata-se de uma população mais ruralizada que detém e/ou trabalha em explorações agrícolas .

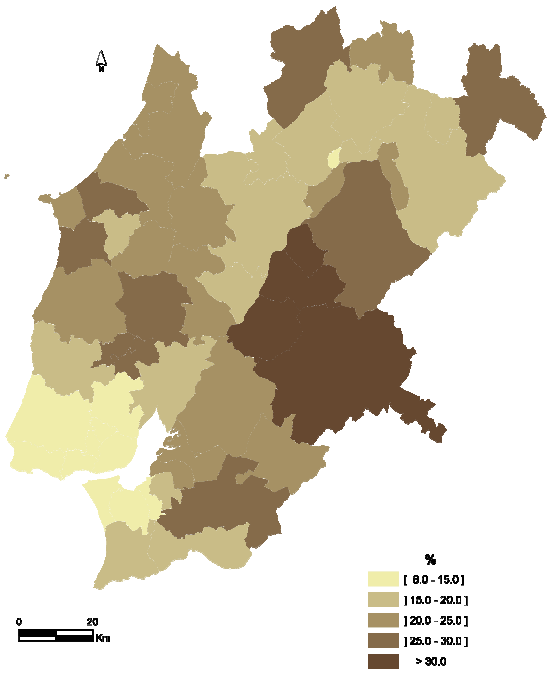
Por outro lado, na Lezíria do Tejo e na Península de Setúbal a população idosa ativa distribui-se entre os grupos de trabalhadores dependentes/administrativos e operários (28,1% e 23,3%) e trabalhadores independentes (25% e 22,9%). A concentração industrial na Península de Setúbal pode explicar a permanência de população idosa no grupo dos operários, tal como na Lezíria do Tejo, o seu pendor rural explica uma maior proporção de trabalhadores rurais.

Figura 15 - Proporção da população com 65 e mais anos por nível de escolaridade mais elevado completo , 2011

	Sem nível de escolaridade completo	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior
Continente	32,2	59,6	3,5	4,7
RLVT	24,3	63,6	5,3	6,7
Região de Lisboa (AML)	20,1	65,3	6,4	8,2
Oeste	36,6	58,9	2,2	2,4
Médio Tejo	33,8	61,3	2,2	2,7
Grande Lisboa	18,4	64,3	7,3	10,0
Península de Setúbal	24,6	67,9	3,9	3,6
Lezíria do Tejo	38,7	56,8	2,0	2,5

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 16 - População com 65 e mais anos sem qualquer nível de escolaridade completo (%), 2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Considerando os resultados dos Censos de 2011, pode-se observar que a maioria da população com 65 e mais anos na RLVT detém o ensino básico como nível de escolaridade mais elevado completo: 63,6%. Desses, 348.325 indivíduos completaram o 1º ciclo desse nível de ensino; 37.673 detêm o 2º ciclo e os restantes 55.502 completaram o 3º ciclo.

No entanto, verifica-se ainda que cerca de 24% da população idosa da RLVT não detém qualquer nível de escolaridade completo.

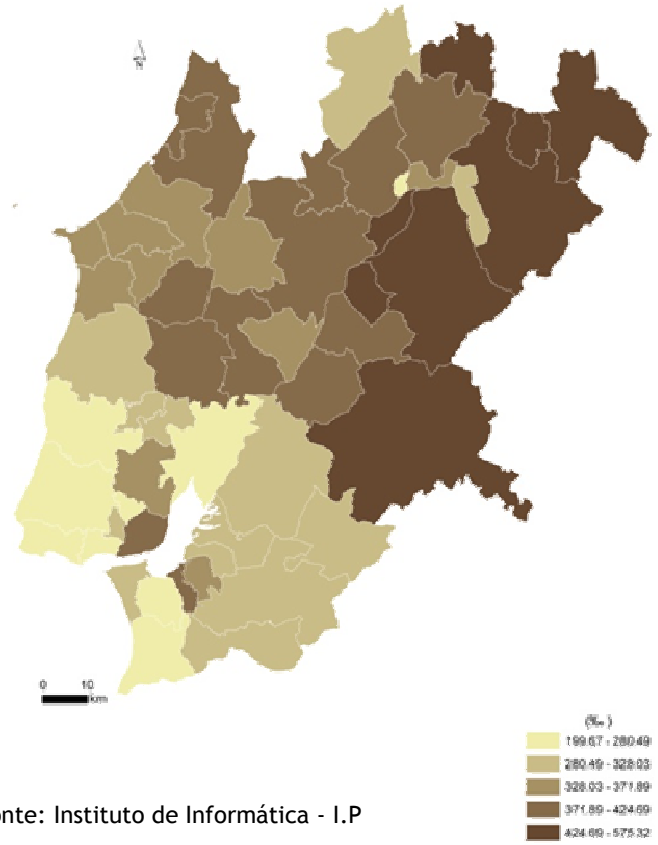
Constata-se que os melhores níveis do ensino básico atingidos se encontram na AML, pois mais de metade da população idosa (65,3%) tem o ensino básico completo, descendo para cerca de 20% a população que não tem qualquer nível de escolaridade. É também na AML que existe maior proporção de população idosa com o ensino superior completo (8,2%), o que se deve essencialmente aos valores registados na Grande Lisboa (10%). Este facto correlaciona-se com a concentração de trabalhadores dependentes/técnicos superiores nesta sub-região.

Na análise sub-regional o Oeste, a Lezíria e o Médio Tejo registam a maior proporção da população idosa sem nível de escolaridade completo (36,6%, 38,7% e 33,8% respectivamente), apresentando, também, a proporção mais baixa de população com o ensino superior completo (2,4%, 2,5% e 2,7%). Estes valores podem ser explicados pelas dificuldades desta população no acesso ao ensino superior, por razões que se prendem quer com baixos rendimentos, quer por questões culturais. Pode concluir-se que, na RLVT, a maioria da população com 65 e mais anos não detém qualquer nível de escolaridade completo ou detém, de forma geral, baixos níveis de escolaridade completo.

Na figura 16, observa-se que é a Lezíria do Tejo que apresenta os concelhos com maior percentagem de população sem qualquer nível de escolaridade completo, nomeadamente os concelhos de Coruche, Salvaterra de Magos, Almeirim e Alpiarça com valores superiores a 30%. No Médio Tejo, destaca-se o Entroncamento por se tratar do único concelho desta sub-região que regista uma percentagem de população sem qualquer nível de escolaridade completo abaixo dos 15%. Já todos os concelhos da Grande Lisboa registam percentagens entre os 8% e os 15%.

Verifica-se assim una tendência de concentração da população sem qualquer nível de escolaridade completo no interior da região, enquanto no litoral e na AML a população com 65 e mais anos apresenta melhores níveis de escolaridade atingidos.

Figura 17 - Pensionistas da Segurança Social por 1000 habitantes em idade ativa, 2011



Fonte: Instituto de Informática - I.P

Figura 18 – Pensionistas e valor médio das pensões da Segurança Social por tipo de pensão, 2010

	Pensionistas da Segurança Social segundo o tipo de pensão (Nº)			Valor médio mensal das pensões (€)		
	Total	Velhice	Sobrevivência	Total	Velhice	Sobrevivência
Continente	2.701.025	1.784.995	649.940	335	390	193
RLVT	951.768	639.118	226.097	395	n/d	n/d
Região de Lisboa (AML)	703.562	477.894	164.187	426	503	236
Oeste	100.888	65.666	25.209	310	357	181
Médio Tejo	69.971	44.989	17.310	310	357	185
Grande Lisboa	511.280	350.129	119.136	437	516	242
Península de Setúbal	192.282	127.765	45.051	398	467	219
Lezíria do Tejo	77.347	50.569	19.391	304	352	176

Fonte: Ministério da Solidariedade e da Segurança Social - Instituto de Informática, I.P./INE/ ORLVT

Nota: n/d- não disponível; das pensões atribuídas pela Segurança Social, não são aqui retratadas nem analisadas as pensões por Invalidez

O valor dos pensionistas no conjunto da população, em 2011, reflete a tendência de forte dependência dos idosos face à população ativa na RLVT, uma vez que em cada mil habitantes em idade activa existem cerca de 325 pensionistas. Já a AML regista cerca de 312.

Constata-se que é na coroa urbana de Lisboa que se verificam os menores números de pensionistas por 1.000 habitantes em idade ativa (não ultrapassando os 328), à exceção de Lisboa e do Barreiro. Na RLVT destaca-se ainda o concelho de Odivelas por ser o único da região com menos de 200 pensionistas por 1000 habitantes e o concelho de Mação por ser o que mais pensionistas tem (575).

Neste indicador, uma vez mais, é clara uma tendência para um envelhecimento mais acentuado no interior da região, que se vai esbatendo à medida que há uma aproximação ao litoral e ainda mais à Área Metropolitana de Lisboa.

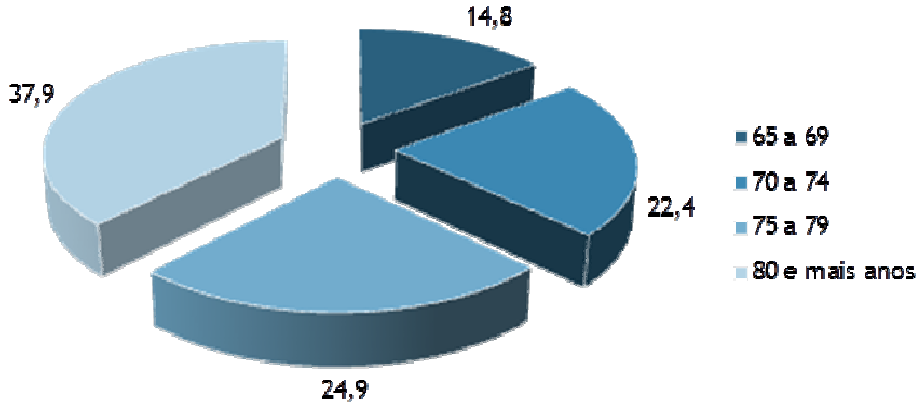
Quanto ao número de pensionistas da Segurança Social, a RLVT concentra 35% dos pensionistas do Continente, e a AML 26%. É na Grande Lisboa que reside o maior número de indivíduos com mais de 65 anos e também o maior número de pensionistas (511 mil). Por oposição surge o Médio Tejo com o menor número de pensionistas (69 mil) e de população residente com mais de 65 anos.

Observando os dados dos pensionistas por velhice, se se cruzar o número de idosos com o número de pensionistas, verifica-se que a taxa de cobertura da pensão de velhice é acima do 90% em praticamente toda a RLVT, com exceção do Médio Tejo (85%). Se a este facto se acrescentar a percentagem de população ativa, com rendimentos provenientes do trabalho, a taxa de cobertura sobe em todas as NUTSIII. A proporção de população que não está abrangida por essas duas formas de rendimento poderá auferir de pensões do regime não contributivo (sociais e rurais).

Se se reproduzir o modelo para a análise das pensões de sobrevivência (pensionistas com pensão de sobrevivência/população com 65 e mais anos com o estado civil de viúvo), a taxa de cobertura é acima dos 100% em toda a RLVT, uma vez que esta pensão é auferida pelos viúvos (que podem não ter mais de 65 anos), e também pelos filhos dependentes do falecido. Porém, pode-se deduzir que praticamente 100% dos viúvos da RLVT com 65 e mais anos são beneficiários de uma pensão de sobrevivência.

Relativamente ao valor médio das pensões de velhice há uma diferença substancial entre a AML e a média nacional (503€ e 390€, respectivamente), mas também face às NUTSIII mais ruralizadas da RLVT. Destaque-se o maior valor na Grande Lisboa (516€) e o menor na Lezíria do Tejo (352€), em que a diferença atinge os 164€ mensais. Os baixos valores médios das pensões nas sub-regiões do Oeste, Lezíria e Médio Tejo, podem encontrar justificação na base económica e estrutura social destas sub-regiões.

Figura 19 – Proporção de beneficiários do Complemento Solidário para Idosos com 65 e mais anos por escalões etários (Distrito de Lisboa), 2011



Fonte: Instituto de Informática, I.P.—MSSS / Plataforma Supraconcelhia da Grande Lisboa/ORLVT

Figura 20 - Despesas em pensões de velhice e sobrevivência e despesas em % do PIB, 2010

	Pensões da Segurança Social segundo o tipo de pensão (milhares de euros)			Despesas em pensões em % do PIB	
	Total	Velhice	Sobrevivência	Velhice	Sobrevivência
Continente	13.014.373	10.000.388	1.818.407	6,1	1,1
RLVT	5.406.743	4.266.210	722.995	5,7	1,0
Região de Lisboa (AML)	4.305.955	3.441.973	560.837	5,4	0,9
Oeste	449.826	337.401	66.166	7,0	1,4
Médio Tejo	311.901	230.769	46.404	7,9	1,6
Grande Lisboa	3.206.973	2.587.696	417.478	4,7	0,8
Península de Setúbal	1.098.982	854.277	143.359	9,2	1,5
Lezíria do Tejo	339.061	256.067	49.588	7,5	1,5

Fonte: Ministério da Solidariedade e da Segurança Social - Instituto de Informática, I.P./ INE, Contas Regionais/ ORLVT

Para além dos rendimentos provenientes das pensões, os mais idosos podem recorrer a outras prestações sociais. O Complemento Solidário para Idosos (CSI) é um apoio em dinheiro pago mensalmente aos idosos com poucos recursos. É uma prestação complementar à pensão que o idoso já recebe. Os seus recursos têm de ser inferiores ao valor de referência do complemento (5.022€ por ano, desde 2011), ou, no caso dos casais, os recursos têm de ser inferiores a 8.788,5€ por ano.

Os dados retratados na figura 19, únicos disponíveis, referem-se apenas ao distrito de Lisboa (composto pelos concelhos de Alenquer, Amadora, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Cascais, Lisboa, Loures, Lourinhã, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira). Neste distrito há um total de 34.808 beneficiários do CSI, o que corresponde a 6% do total de pensionistas. Verifica-se que cerca de 63% desses beneficiários tem mais de 75 anos e que a grande maioria (quase 38%) tem mais de 80 anos de idade. Pode-se assim concluir que os beneficiários desta prestação social encontram-se na população mais idosa e com maiores carências económicas.

Numa vertente de análise relacionada com as despesas, apresenta-se na figura 20 a proporção de gastos em pensões de velhice e sobrevivência, em valores absolutos e em % do PIB, em cada uma das unidades territoriais em análise. A despesa em pensões da Segurança Social, em 2010, ultrapassou já na RLVT os 5 milhões de euros e na AML os 4 milhões de euros.

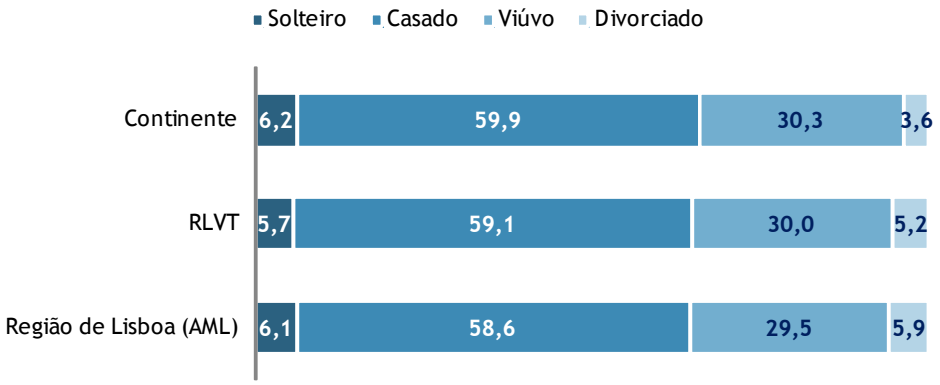
Quanto ao peso de despesa das pensões no PIB, a proporção mais alta é a da Península de Setúbal com cerca de 3,5 pontos percentuais acima do valor do Continente (7,2%). A proporção mais baixa regista-se na Grande Lisboa, inferior à média nacional em 1,4 pontos percentuais, sendo também a sub-região que apresenta o PIB mais elevado face às suas congéneres .

Figura 21 - População residente com 65 e mais anos por estatuto da pessoa na família, 2011

	Nº	Pessoas que vivem numa família clássica				% Pessoas que vivem em instituições ou sem residência
		% das pessoas que vivem com o cônjuge	% das pessoas que residem sozinhos	% das pessoas a residirem com familiares	% das pessoas a residirem com não familiares	
Continente	1.937.788	65,8	20,3	9,2	0,4	4,2
RLVT	693.934	65,3	22,5	8,0	0,4	3,8
Região de Lisboa (AML)	513.842	65,3	22,9	8,1	0,4	3,3
Oeste	72.868	65,4	21,1	8,1	0,4	5,0
Médio Tejo	52.663	65,1	21,3	6,9	0,4	6,3
Grande Lisboa	373.657	64,4	23,7	8,2	0,4	3,3
Península de Setúbal	140.185	67,6	21,0	7,9	0,3	3,2
Lezíria do Tejo	54.561	65,4	21,4	8,1	0,4	4,7

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 22 - Proporção da população residente com 65 e mais anos por estado civil, 2011



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 23 - Proporção da população residente com 65 e mais anos por estado civil e sexo, 2011

	Solteiro		Casado		Viúvo		Divorciado	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Continente	28,4	71,6	55,3	44,7	19,0	81,0	39,0	61,0
RLVT	29,5	70,5	55,6	44,4	17,7	82,3	36,2	63,8
Região de Lisboa (AML)	28,6	71,4	55,7	44,3	17,3	82,7	34,8	65,2
Oeste	40,7	59,3	56,0	44,0	19,3	80,7	45,5	54,5
Médio Tejo	24,4	75,6	54,6	45,4	18,7	81,3	40,9	59,1
Grande Lisboa	26,8	73,2	55,5	44,5	17,0	83,0	33,0	67,0
Península de Setúbal	35,6	64,4	56,3	43,7	18,1	81,9	40,9	59,1
Lezíria do Tejo	32,9	67,1	55,3	44,7	18,7	81,3	43,0	57,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

No que se refere à cohabitação, a maior parte da população idosa vive ainda com o cônjuge. Há no entanto uma percentagem significativa dessa população que reside sozinha, a qual tanto na RLVT como na AML (22,5% e 22,9% respectivamente), é superior à media do Continente (20,3%).

A nível sub-regional, destaca-se a Grande Lisboa por apresentar a maior percentagem de pessoas com mais de 65 anos a residirem sozinhas (23,7%) e a menor de pessoas que residem com o cônjuge (64,4%). Na maioria das sub-regiões cerca de 8% dos idosos residem com outros familiares diretos, valor que desce na Grande Lisboa (6,9%). Já a percentagem de pessoas que vivem em lares ou em outras residências é menor nas sub-regiões mais urbanas (cerca de 3 pontos percentuais), enquanto nos territórios mais rurais é maior, atingindo o valor máximo no Médio Tejo (6,3%).

Quanto ao estado civil, constata-se que a grande maioria da população residente com mais de 65 anos é casada. A RLVT a e AML apresentam valores de referência abaixo dos do Continente. Os viúvos são o segundo estado civil com maior representatividade e a tendência referida anteriormente repete-se também aqui. Existe alguma paridade entre o grupo dos divorciados e dos solteiros na AML, porém, a percentagem de divorciados nesta região é bastante superior à registada no Continente.

Nesta análise, verifica-se uma grande disparidade de comportamentos entre os sexos. Apenas no grupo dos casados existe uma maior proporção de indivíduos do sexo masculino, havendo em todos os restantes grupos uma enorme preponderância do sexo feminino. A disparidade de proporção entre géneros nos solteiros parece ter duas relações de causalidade inerentes: desde logo existe um maior número de mulheres; por outro lado, observa-se que há uma maior proporção de homens casados. Assim, para além do facto das mulheres viverem mais tempo do que os homens, parece verificar-se também uma maior tendência masculina para voltar a casar, seja por viuvez ou divórcio.

O comportamento de toda a região é muito similar nesta vertente de análise, sendo apenas o Oeste a registar ligeiros desvios deste padrão no que respeita ao número de homens solteiros, que é superior ao registado nas restantes unidades territoriais.

3—DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL E EQUIPAMENTOS SOCIAIS PARA IDOSOS

O sistema urbano português, a partir de 1980, e de forma acelerada nos anos 90, ficou marcado por uma urbanização generalizada da população, acompanhada por um processo económico, social e cultural próprio, com grande visibilidade na Região de Lisboa e Vale do Tejo, mas em especial na AML. Este processo assumiu várias formas no território, como uma forte concentração de população em cidades e grandes aglomerados urbanos contínuos ao longo do litoral e do estuário do Tejo, e por pequenos aglomerados no interior e nas zonas mais rurais, onde predomina um povoamento disperso e isolado, muito vezes marcado por uma marginalização relativa.

Os equipamentos, sejam estruturantes ou de proximidade, respondem a objetivos de desenvolvimento regional e sectorial, e desempenham um papel central na promoção da qualidade de vida das populações, na estruturação e organização do território, na definição de fluxos, na animação de espaços urbanos e no reforço das centralidades. Apesar dos avanços significativos destas "respostas" de proximidade nos últimos anos, em muito impulsionados pelos financiamentos comunitários, a cobertura do território regional parece não garantir ainda o acesso de toda a população, e muito em especial, da população mais envelhecida da RLVT.

Nesta parte do documento procura-se analisar a distribuição da população com mais de 65 anos e identificar os territórios em que está mais presente, bem como o tipo de respostas existentes, concretamente ao nível de equipamentos de saúde e sociais, mais necessários para promover uma melhor qualidade de vida da população mais envelhecida.

Figura 24 - Proporção da população residente com 65 e mais anos por escalão de dimensão populacional , 2011

	Isolados	até 10.000	10.000 - 50.000	50.000 - 100.000	mais de 100.000
Continente	1,9	58,5	20,3	4,5	14,8
RLVT	1,0	43,3	21,0	11,1	23,6
Região de Lisboa (AML)	0,5	31,3	21,4	15,0	31,9
Oeste	2,9	81,6	15,6	0,0	0,0
Médio Tejo	1,9	73,3	24,8	0,0	0,0
Grande Lisboa	0,4	26,0	19,4	10,3	43,8
Península de Setúbal	0,7	45,3	26,5	27,5	0,0
Lezíria do Tejo	2,6	76,7	20,6	0,0	0,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Figura 25 - Proporção população residente com 75 e mais anos em lugares com menos de 2.000 habitantes e com mais de 200.000 habitantes, 2011

	-2.000	+ 200.000
Continente	44,0	10,5
RLVT	24,2	21,5
Região de Lisboa (AML)	11,2	29,5
Oeste	65,4	0,0
Médio Tejo	62,1	0,0
Grande Lisboa	8,9	39,9
Península de Setúbal	17,8	0,0
Lezíria do Tejo	47,3	0,0

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

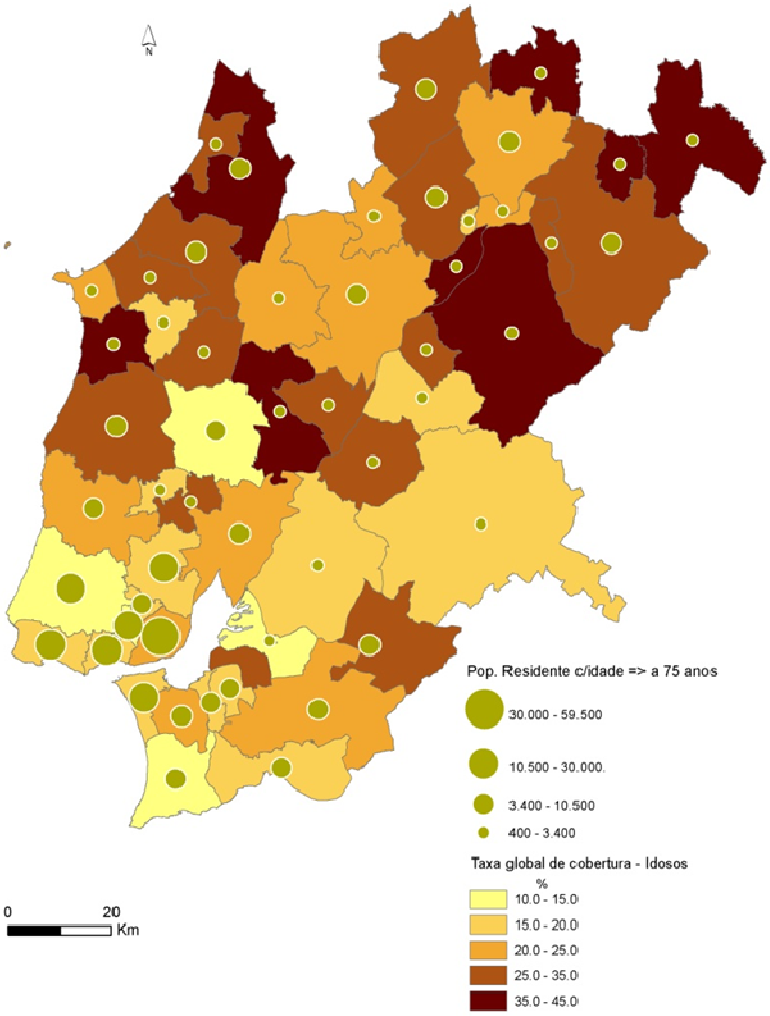
Ao analisarmos o local de residência dos idosos na RLVT por escalão de dimensão populacional, destaca-se que 43,3% residem em lugares até 10.000 habitantes e 23,6% em lugares com mais de 100 mil habitantes, o que revela uma maior concentração da população idosa em áreas de menor concentração populacional. Se olharmos para o território da Área Metropolitana, essa distribuição é mais equitativa, com 31,3% até 10.000 e 31,9% em lugares com mais de 100.000 habitantes.

Nas sub-regiões mais urbanas, como a Península de Setúbal e a Grande Lisboa, a população idosa está concentrada nas grandes cidades, ou em cidades com mais de 50 mil habitantes. No entanto, na Península de Setúbal, uma percentagem ainda significativa desta população reside em áreas com menos de 10.000 habitantes (45,3%).

Quanto às restantes sub-regiões, estas revelam uma forte dispersão de população com mais de 65 anos , destacando-se o Oeste, em que 81,6% da população idosa vive em lugares com menos de 10 mil habitantes. Apesar dos isolados apresentarem valores baixos, também o Oeste e a Lezíria do Tejo apresentam os valores mais altos de toda a região, 2,9% e 2,6%, respetivamente.

De forma a melhor percecionar onde reside a população idosa, e restringindo o escalão etário para a população acima dos 75 anos, destaca-se que no Oeste e no Médio Tejo, respetivamente 65,4% e 62,1%, residem em lugares com menos de 2000 habitantes. Estes dados revelam que esta população encontra-se mais exposta ao isolamento, ou que poderá ter maior dificuldade em aceder a determinados equipamentos e serviços de proximidade.

Figura 26 - Cobertura de equipamentos sociais para idosos (lares, centros de dia, apoio domiciliário), 2010



Fonte: INE, Anuários Estatísticos/ ORLVT

Figura 27 - Capacidade das respostas sociais em lares de idosos, 2011

	Lares de Idosos	
	Capacidade Nº	Taxa de cobertura da população residente com 75 e mais anos %
Continente	74.851	8,1
RLVT	21.114	6,5
Região de Lisboa (AML)	13.248	5,6
Oeste	3.666	10,6
Médio Tejo	2.220	8,2
Grande Lisboa	9.557	5,5
Península de Setúbal	3.691	6,0
Lezíria do Tejo	1.980	7,5

Fonte: Carta Social, GEP-Gabinete de Estratégia e Planeamento, MTSS/ INE, Recenseamento da População e Habitação/ ORLVT

Devido à tendência de aumento da população idosa, os equipamentos sociais de apoio à terceira idade revestem-se de crescente importância. A dupla convergência de um acelerado processo de envelhecimento populacional e de profundas transformações nas estruturas sociofamiliares e redes de solidariedade primárias (em que já não é a família o principal prestador de cuidados a idosos) tem potenciado um crescimento dos serviços especializados na prestação de cuidados à população mais envelhecida, ainda que evidenciando fortes assimetrias no território regional.

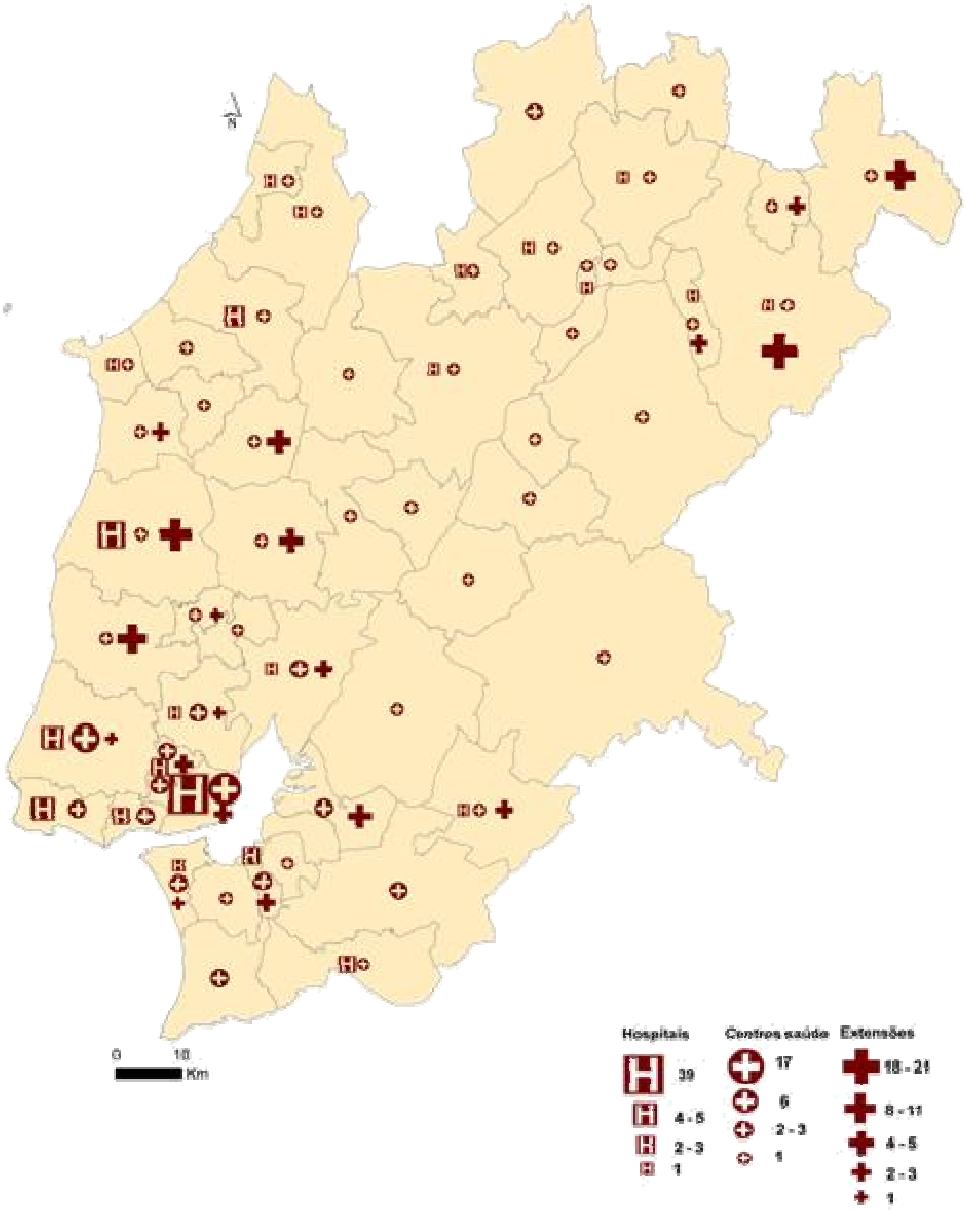
De acordo com os dados disponíveis de 2011, e tendo em conta três tipologias de respostas sociais para idosos (lares, centros de dia e apoio domiciliário), maioritariamente destinadas à população com mais de 75 anos, a RLVT apresenta uma taxa de cobertura de 21,1% e a AML de 18,7%, taxas bastante baixas tendo em conta a situação de envelhecimento da população que se regista na região.

Nas sub-regiões, as melhores taxas de cobertura de equipamentos sociais para idosos registam-se no Médio Tejo (28,8%) e no Oeste (28,4%), apesar de ser a Grande Lisboa que dispõe de maior capacidade de respostas (31.568 para todas as valências, dos quais 9 158 são lugares em lares).

Ao nível concelhio e tendo em conta as várias valências de equipamentos para idosos, os concelhos de Ferreira do Zêzere, Sardoal e Mação, no Médio Tejo, registam coberturas superiores a 40%. No Oeste os municípios de Alcobaça e Lourinhã registam 36% e 43% respetivamente, e na Lezíria do Tejo, na ordem dos 40% os concelhos da Golegã, Azambuja e Chamusca. Já na AML, os concelhos com melhores coberturas, ainda que insuficientes, são o Montijo (28,8%), Lisboa (24,4%) e Vila Franca de Xira (21,7%). Com valores abaixo da média regional registam-se os municípios de Sintra (10%), Amadora (12,5%), Sesimbra (13,3%), Alcochete (14,2%) e Barreiro (15,2%).

Colocando em destaque a cobertura por lares de idosos, a RLVT assume uma posição ainda aquém do ideal, com taxas de cobertura na ordem dos 6,5% e abaixo da média nacional (8,1%). À exceção do Oeste, que em 2011 apresentava uma taxa de cobertura acima dos 10%, as restantes sub-regiões apresentam coberturas insuficientes, com a Grande Lisboa a destacar-se com 5,5%, (cerca de 10 mil lugares em lares para uma população que ronda os 160 mil idosos).

Figura 28 - Equipamentos de Saúde, 2010



Fonte: INE, Anuários Estatísticos/ ORLVT

A população idosa é o grupo etário mais dependente dos cuidados de saúde, e por isso o mais exposto à oferta e distribuição de serviços de saúde pelo território. A proximidade a este tipo de equipamentos revela-se de extrema importância para esta população, que cruzando com os seus rendimentos e redes de suporte de vida poderá condicionar a sua saúde e bem-estar.

No território da RLVT destaca-se uma maior concentração de equipamentos de saúde na AML, acompanhando a forte densidade populacional destes concelhos. Só a cidade de Lisboa dispunha, em 2011, de 39 hospitais públicos e privados e 17 centros de saúde, ou seja, 35% dos equipamentos de saúde (hospitais e centros de saúde) estão sediados neste concelho. Destaque ainda para os concelhos de Oeiras, Cascais e Sintra com uma vasta rede de equipamentos de saúde. Na Península de Setúbal os equipamentos de saúde concentram-se essencialmente nos concelhos de Almada, Barreiro e Setúbal.

Nas restantes sub-regiões da RLVT, os melhores níveis de oferta de equipamentos na área da saúde encontram-se no Oeste e Médio Tejo, em especial nos municípios de Torres Vedras e Abrantes, o que reflete um certo papel de predominância destes concelhos nas respetivas sub-regiões. A Lezíria do Tejo revela uma oferta de equipamentos de saúde muito frágil, mantendo uma dependência grande da Área Metropolitana de Lisboa.

Mais uma vez, no mapa da figura 28 observa-se um interior da região com menor cobertura de equipamentos, uma faixa litoral melhor apetrechada e uma Área Metropolitana com uma forte concentração destes equipamentos de saúde.